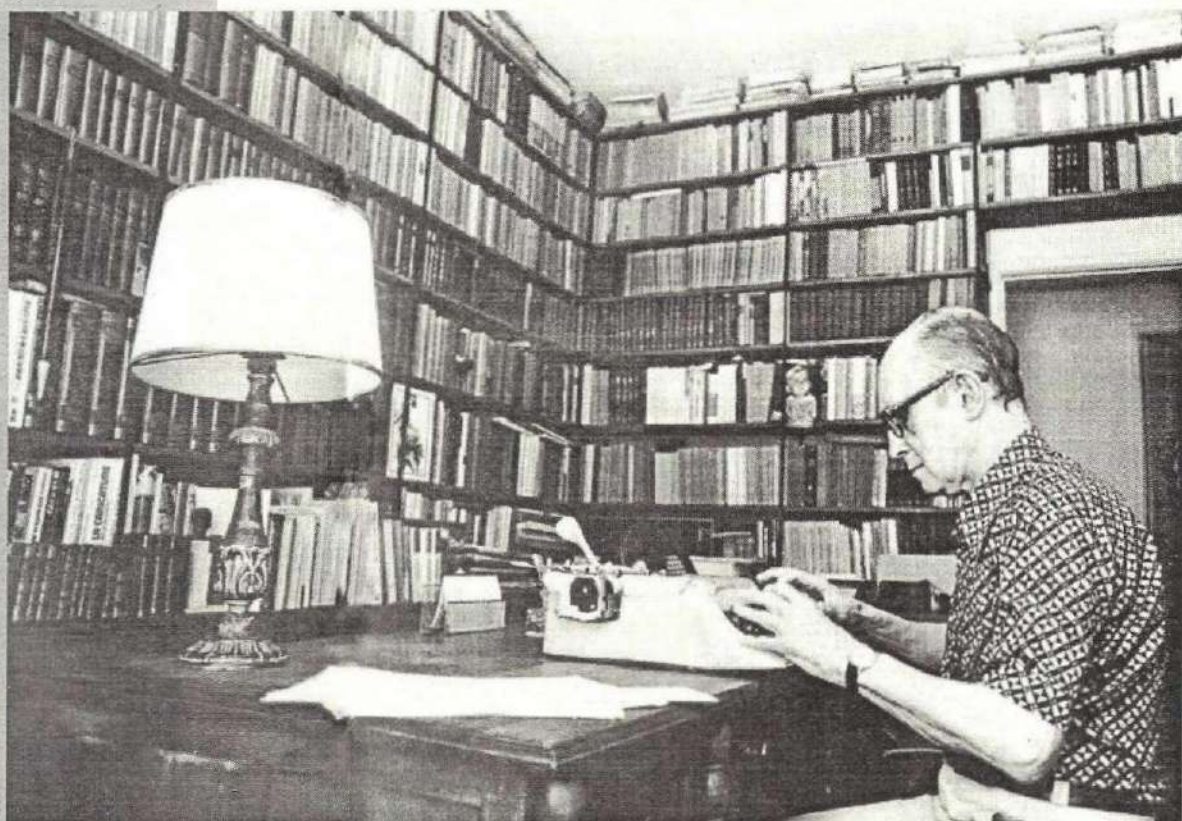


O POETA, O TELEFONE E O SILÊNCIO

João Carlos Pereira



O POETA, O TELEFONE E O SILÊNCIO

João Carlos Pereira *

A única vez em que Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir estiveram por aqui, além do calor e daquilo que, hoje, se chamaria de tieta-gem, encontraram uma amizade que os acompanhou até o final de suas vidas. Era um sábado, talvez, e a jornalista Lindanor Celi-na, cronista do jornal "A Província do Pará" e professora universi-tária, provavelmente a única criatura numa redação, com domí-nio completo da língua de Sartre tão bem como o próprio entrevistado, foi escalada para conversar com o casal que, na época, era a sensação, porque ousava experimentar o tal do casa-mento aberto, com cada um morando em casas separadas.

Todo mundo morria de inveja daquela união que, no fim das contas, nem era essas coca-colas. Formada em francês pela Ali-ança e com percepção bem larga da cultura francesa, ela aceitou o desafio e foi. Na maior desfaçatez, Lindanor ficou de pé, diante dos dois, na terrace do Grande Hotel e pronunciou, em francês, *bien sûr*, uma frase que, depois que ela mesma me contou essa história, jamais me saiu da lembrança. A frase que deu início à amizade foi esta:

- é estranho colocar-se assim, na frente de quem come....!

Sartre e Simone devem ter achado, sim, um pouco estranho. Mesmo assim, a repórter-cronista estava lá e precisava de respos-

* Professor de História da Arte, na Universidade da Amazônia, cronista de "O Liberal" e jornalista



tas. Na verdade, ela precisava era de perguntas, porque a emoção do momento preenchia sua vida inteira e abria uma enorme lacuna na entrevista. Vencendo a emoção de estar diante de duas personalidades, Lindanor conseguiu que dissessem alguma coisa. O que falaram não sei, mas a parte que me interessa é da repórter e, por isso, me lembrei do fato, porque, de uma certa forma, guarda muita proximidade com uma história que aconteceu comigo, quando precisei falar com o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Bem diferente do que houve com Lindanor, Sartre e Simone, que ficaram amigos, se visitavam e, na hora da morte do pensador, ela estava lá, consolando a escritora, jamais estive com o poeta, nunca o vi pessoalmente e a impressão que sua voz ao telefone me deixou não precisa ser reproduzida porque não foi simpática. Por isso não falei dela e sim da correspondência tão amável que, por algum tempo, chegamos trocar, da maneira mais estranha possível.

A história foi assim: eu estava encarregado de preparar um caderno especial para o aniversário do jornal "O Liberal". O tema me fascinava porque, naquela época, eu havia descoberto, pelas mãos da professora Albeniza de Carvalho e Chaves, o poeta Mario Faustino e estava encantado. Como alguém poderia ter construído uma obra tão bonita, em tão poucos anos de vida, sem jamais haver escrito um poema que fosse, pelo menos, bom? Todos eram excelentes e chegavam aos meus olhos envolvidos numa beleza rara, com um brilho poucas vezes visto. Verdade que, um pouco depois, eu encontraria em outro Mario, o Quintana, que, com uma poesia completamente diferente, em todos os sentidos, da de Mário Faustino, tomaria, juntamente com Manuel Bandeira, conta de meu coração.

Por orientação do redator-chefe, o jornalista Cláudio Sá Leal, eu deveria recuperar a formação paraense do poeta. Saí em campo e encontrei as pessoas mais importantes na vida de Mário Faustino que ainda estavam em Belém ou moravam no Rio de Janeiro. Não sei porque, acho que era mesmo uma empolgação de repórter que havia feito curso de Letras e era apaixonado por poesia, fui querer saber a opinião de Carlos Drummond de Andrade sobre Mário Faustino. Ia ser o máximo publicar no jornal uma entrevista exclusiva com aquele que era apontado como o maior poeta do Brasil.



Talvez para outras pessoas não fosse, mas, para mim, foi muito difícil falar com Drummond. Todos os dias, por muito tempo, eu tentava ligar para casa dele e nada. Pela lista telefônica do Rio cheguei ao número instalado na rua Conselheiro Lafayete, 60, se não me engano, apartamento 504. Por trás de um nome simples, *Andrade, Carlos D*, tal como aparece no catálogo, cheguei até ele. Mas que luta, meu Deus!

Não sei se era problema de tráfego, se o telefone estava com problema, não sei o que era, mas toda vez que discava, só dava ocupado. Já estava achando que era alguma coisa com a linha do Jornal, porque não era possível aquele telefone ocupado o tempo todo. Um dia, sem muita esperança de conseguir, em vez do sinal de ocupado, chamou! Quando a voz do outro lado disse alou – um alou breve e seco, num tom bem baixo – eu reconheci imediatamente. Era ele. Era Carlos Drummond de Andrade. Eu estava vivendo a minha hora de Lindanor Celina diante de quem come. O problema é que só havia uma voz. A voz de Carlos Drummond de Andrade, e eu, tremendo de nervoso, do outro lado do país.

Ele repetiu alô duas vezes e eu, mudo, não dizia nada. Não havia me preparado para aquele momento. Para dizer a verdade, ficaria muito agradecido se ele nunca houvesse atendido, se tivesse continuado aquela conversa interminável, que deixava o telefone ocupado; ou que a Telerj houvesse esquecido, por um motivo qualquer, de consertar aquela linha da Rua Conselheiro Lafayete. Eu queria tanto falar com o poeta e, na hora, não sabia sequer como tratá-lo.

De que forma iria chamá-lo? De Carlos? De Drummond? Intimidade para isso não tinha. De seu Carlos? Ah, ia ser ridículo... seu Carlos!!!.. Onde já se viu? Acho que pedi para falar com Carlos Drummond de Andrade e, a partir daí, só o tratei de senhor. A princípio ele foi simpático, mas quando toquei no nome de Mário Faustino – que havia sido muito duro com os poetas brasileiros, numa série de artigos publicados na coluna "Poesia Experiência", no Jornal do Brasil – o tom a voz mudou. Aquele senhor que minutos atrás era só simpatia, deve ter crispado o rosto, alterou o ritmo da fala e me advertiu severamente:

- Se o que você está fazendo é uma entrevista, eu desautorizo a publicação!



Onde na minha vida que eu pensei que iria levar uma bronca de um poeta de que tanto gostava? Me senti no ar, como um menino pego fazendo uma coisa proibida, cheio de culpa por haver tocado num assunto que desagradava tanto o poeta. Era como se tivesse sido flagrado fazendo pipi no pé da estátua de um deus.

Como não havia mais nada a dizer – isto é, havia sim, mas cadê alma para prosseguir a entrevista? Se fosse um cara a cara, pessoalmente, quem sabe tomaria um café, uma água, um suco que provavelmente seria servido, me ajeitaria na cadeira e continuaria. Mas por telefone, ele no Rio e eu em Belém? Dois desconhecidos que, por necessidade profissional, conversavam sobre pessoas e coisas que não havia feito parte de meu passado e, tendo estado no dele, preferia não falar sobre elas, não tinham mais o que dizer um ao outro. Com a promessa de que não publicaria uma linha, pedi desculpas e desliguei.

Se eu fosse uma pessoa um pouco mais ousada, teria largado aquele telefone e corrido para a máquina e escrever a entrevista. Eu não queria uma entrevista com Carlos Drummond de Andrade? Pois eu tinha a entrevista com Carlos Drummond de Andrade. Publicá-la ou não seria decisão do Jornal. A minha parte estava feita, embora previamente desautorizada pelo entrevistado. Mas entre as muitas coisas que aprendi em “O Liberal”, com Romulo Maiorana, Ana Diniz e Cláudio Sá Leal, uma foi a que a ética humana deve ser maior que o compromisso com a notícia. Eu não havia prometido ao poeta que não publicaria? Pois assim foi feito, com o consentimento da direção do Jornal.

Muitos anos se passaram e eu não contei a ninguém o que o poeta me disse. Acho que falei a bem poucas pessoas que havia conseguido falar com ele por telefone e só. Aquela frase de Drummond – se for uma entrevista, eu desautorizo.... – ficou batendo na minha cabeça, como uma marreta em ação que, aos poucos, destruiria na minha memória a conversa inteira. De tudo que falamos, restaram vivas esta frase e outra que também não esqueci, mas que não convém dizer qual é, porque seria trair o poeta. Se em nenhum momento traição é uma coisa certa, imagine no instante em que se celebra o centenário? E para que ninguém fique viajando na imaginação, apenas digo que se tratava de uma impressão pessoal do poeta. Nada mais e, principalmente, nada demais.



O caderno especial saiu e, graças a Deus, fez sucesso e não me trouxe chateação. Nem a mim, nem a Carlos Drummond de Andrade, que sequer foi citado. Mas deixa estar que, um dia, o poeta Milton Camargo teve a gentileza de recortar uma crônica que escrevi sobre Drummond, sugerindo que, no dia do seu aniversário, apenas a propósito da poesia, o governo decretasse feriado nacional, e mandou o texto para o homenageado. Dias depois, recebi, através do mesmo Milton Camargo, um cartão do Drummond, cobrindo a crônica de elogios e agradecendo a sugestão. Bem drummonianamente, ele pedia que, se houvesse motivo de alegrias, que o povo brasileiro as tivesse, um dia no ano que fosse. E assinava.

Tempos depois, outro cartão. Mais tarde, um terceiro cartão. Todos agradecendo uma citação ou alguma coisa que eu havia escrito sobre ele e que chegara às suas mãos.

Entre um cartão e outro, muitas vezes estive no Rio de Janeiro, passei em frente do seu prédio, mas não o vi e não o procurei. Dr. Joaquim Inojosa me chamou uma vez para ir ao apartamento de Plínio Doyle e participar dos famosos "sabadoyles", onde estaria, entre outra tanta gente importante, Carlos Drummond de Andrade.

Pergunte se eu fui....

Fui nada! Mais bicho do mato, mais envergonhado que eu, naquele tempo, não havia ninguém. Se fosse hoje, talvez não fosse também, mas aí não seria por timidez. Aprendi com a vida a ficar recolhido, sossegado, quieto no meu canto, vendo o mundo passar. Acho que encontrei a receita do bem viver e não quero perder a fórmula. Não me meto com o mundo e o mundo não se mete comigo. Na verdade, fiz um mundo paralelo, do qual saio para cumprir obrigações e passear, e para o qual retorno, como diria Mario Faustino, "sem saudade, pena ou ira". Continuo lendo Drummond e tantos outros poetas. Mas desisti desse envolvimento pessoal com o escritor. Uma vez, tive uma vontade danada de conhecer uma poeta de Minas chamada Adélia Prado. Acho que cheguei a escrever um cartão para ela, mas não mandei. Preferi ficar com a poesia de Adélia, que é linda e me encontra aqui, toda vez de que dela necessito para encher de ternura meu coração. No fundo, no fundo, ainda sou o mesmo tímido que lê poemas, gosta de rezar e de viver em paz. O resto é festa e não sou chegado à festa.



